

# 1 ESCUDO

# Reporter.

Semanario das  
grandes reportagens

ANO I

14 de Março de 1931

Numero 32



LER NESTE NUMERO: O assassinio dos Reis da Servia—O negociante do oportunismo—Escândalos dos bastidores, etc..

Papeis couchés e imitação,  
Magazines, Jornais, Livros,  
Escrita, etc.  
Cartões Marfim, Bristol,  
Duplex, Palha, etc.

Das acreditadas fábricas de  
**GEBRS. VAN REEKUM**  
de Amsterdam

São agentes gerais para Portugal a  
**SOCIEDADE DE COMERCIO EXTERIOR, LTD.**  
Rua do Alecrim, 29 — LISBOA  
Telef. 2-1939

Representada por **GILBERTO SEQUEIRA**

O papel deste semanário é for-  
necido por esta fábrica

**NICOLAU FERRAZ**

Espanha, França, Brasil  
e America do Norte



**PASSAPORTES**



Agente no Norte  
da **United States Lines**  
TELEPHONE, 792

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

**ALFAIATARIA**

DE

**ANTONIO DIAS**

Fazendas nacionais

— e estrangeiras —

Largo de S. Sebastião da Pedreira, 34

LISBOA

**DOENÇAS DO ESTOMAGO**

**CURAM-SE COM O**  
**ELIXIR ESTOMACAL SAIZ DE CARLOS**

Comprar sómente do que tem a cinta de garantia, com a assinatura do preparador. A cinta é nas cores vermelha e amarela

Unicos depositários para Portugal e Colonias

**VICENTE PIMENTEL & QUINTANS**—194, R. da Prata, 196

**Feliciano Sobral**

RUA DA FÁBRICA, 11, 2.º

PORTO

Telefone, 4353

Atoalhados, Colchas,

Cobertores, Riscados, etc.

Representante da Casa

**Teixeira de Abreu & C.ª**

de

**GUIMARÃES**

**Companhia Portuguesa  
de Tabacos**

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital realizado: Esc. ouro 2.000.000\$50

(Libras esterlinas 444.445)

NOS termos do § unico do Art. 179.º do Codigo Commercial e por  
ordem do Presidente da Mesa, é convocada a Assembleia Geral Ordina-  
ria desta Companhia para reunir-se no dia 30 do corrente, pelas  
14 1/2 horas, na sala da sede da Companhia dos Tabacos Portugal,  
Avenida da Liberdade, 16, 1.º.

Lisboa, 7 de Março de 1931.

O 1.º Secretario da Mesa,  
(a) **Fernando Emygdio da Silva**

Telef. 2 3352

**ANDRADE, SANTOS & RAMALHO, L.ª**

Compra, venda e administração de propriedades,  
hipotecas, trespases, serviços forenses, recebi-  
mento de rendas e esmerado serviço de cobranças

Rua do Comercio, 7, 3.º, D.

LISBOA

# Homens & Factos do Dia

**reporter**

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos os acontecimentos de sensação nacionais e estrangeiros

Sal aos sábados e é posto à venda simultaneamente em todo o país

DIRECTOR

**REINALDO FERREIRA**  
(REPORTER X)

Director-Gerente, Administrador e Editor  
**ANGELO DE AZEVEDO FERREIRA**

Chefe da Redacção  
**MARIO DOMINGUES**

Propriedade unica de Angelo e Reinaldo Ferreira

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE  
ROSSIO, 3, 3.º — TELEFONE 26442 — LISBOA  
End. Teleg.: REPORTERX — LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO — RUA DO ALMADA, 10

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
TIPOGRAFIA SILVAS, LTO.  
RUA D. PEDRO V, 120 — LISBOA — TELEFONE 23121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50  
6 . . . . . 25 . . . . . Esc. 22\$50  
12 . . . . . 52 . . . . . Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiros accrescem os respectivos portes  
**Pagamento adiantado**

## A guerra

**C**OMO vai longe o tempo da meninice! Essa época suave, branda, da minha vida decorria tão calma, tão tranqüila, entre os pequenos sobressaltos das obrigações escolares, como um rio murmurou entre margens largas de areia escórregadia. Lembro-me desse tempo — e tenho saudades dele. Bendigo a minha ignorancia infantil das coisas do mundo — as coisas sérias, graves, de que ouvia falar às pessoas adultas, escauçando os meus olhos curiosos, sedentos de sabedoria. Ouvia então falar em guerras e sabia, pela leitura mal compreendida das gazetas, que, nos Balkans, em Africa e em outros pontos remotos do globo, que minha fantasia colocava quasi noutro planeta, as tropas de tal vencião esta e aquela batalha, aprisionando tantos homens no inimigo e deixando o campo da luta juncado de cadáveres. Mas a candura da minha imaginação não podia apreender o que havia de sofrimento humano nessas noticias que, trazidas pelos telegramas dos jornais, não produziam no meu lar aconchegado maior alarme do que o sussurro brando de ramagens em ninho de ave cândida.

A guerra! Eu ouvia falar nela, mas

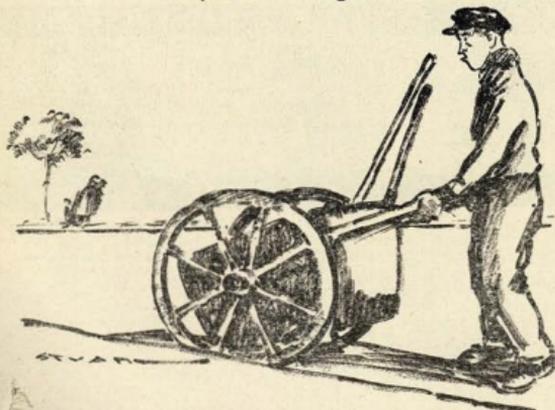
a sua imagem reproduzida na minha alma ao sabor da fantasia infantil não passava de uma simples brincadeira de crianças. Visionava os campos de batalha à minha maneira folgazã e descuidada: um extenso terreno coberto de relva muito verde e fresca e, a cada extremo, brandos, garridos de côr, elegantes e bem alinhados, soldados de chumbo disparando peças de latão, enfumadas de algodão em rama. A guerra era uma cópia das manobras militares dos meus soldadinhos hirtos, parados e amáveis, que eu costumava formar pacientemente sobre uma mesa.

Lembro-me de ter lido uma descrição romantizada da guerra do Transvaal, em que os boers faziam prodígios. E a figura de um médico bem humorado, alegre e carinhoso, provocava-me riso saudável com as suas graças expontâneas. Esse médico, cujo nome os anos varreram da minha memória, dizia optimista: «A guerra nada tem de perigoso. As balas ferem mas não matam. Dois traços de histori — e temos um doente grave transformado num homem vddido».

Quando mais tarde, adiantando-me precocemente nos estudos, ingressei muito novo ainda num curso secundário e fui obrigado a debruçar-me sobre o passado da humanidade, eu vi sem grande relutância que a história dos povos não passava, afinal, de uma successão de conflitos guerreiros e reis heróicos e simpáticos. Dir-se-ia que no mundo nada mais existia senão guerras e reis

## Ao que se chegou...

Por Stuart  
Carvalhais



— A crise tão grande que nem já isso há...

— guerras contra os reis e a favor dos reis. E, então, eu depreenhi que os pobres-diabos como eu e como tu, leitor, vêm ao mundo com uma missão definida, fatal: pelear, guerrear, morrer, matar, para com o seu sacrificio escreverem as páginas gloriosas da História — da história dos reis.

Mas eu era uma criança, um ignorante e não podia conceber senão disparates. Eu não sabia que essas guerras também ultimavam meninos timoratos e inocentes como eu; ignorava que o canhão arazava aldeias e cidades e produzia no mundo abalos morais e materiais tão fortes, tão catastróficos, como o diluvio da Biblia.

Foi preciso que a minha alma de adolescente, plena de anseios de bondade, de beleza imperpével e harmonia fraternal, vibrasse de horror ante a calamidade que desabou sobre o mundo em 1914, para que os fantásticos soldadinhos de chumbo inerte e feio, que alegavam a minha infância, fossem substituidos por corpos humanos, sensiveis à dor e ao drama. Foi preciso que a grande guerra desencadeasse sobre o globo o seu diluvio de fogo para que, ao clarão sangrento do incêndio, a mi-

(Conclui na pag. 11)



## CONTOS... DE BASTIDORES



**A alta-comédia real de uma ingénua que professa, e que abandona o convento louca de amor por um sacerdote — O fim de uma firma sentimental: S. & E. A. Ltd.**

O Reporter X não tem secções fixas nem assuntos predilectos. Todos os assuntos nos servem sempre que nos ofereçam matéria para uma grande reportagem. Dentro desta orientação, também o teatro é focado pelos nossos reporters — quando o repertório dos bastidores, com os seus dramas, as suas farsas, as revistas, as suas falsas lectes, se prestem a uma revelação sensacional. Duas reportagens completam esta página, hoje, de T. S. F... X. A primeira refere-se a uma actriz do antigo D. Amélia, que desperdiçou grandes paixões pelo seu ar ingénuo, pela sinceridade do seu porte honesto, pelas lendas que a aurorelavam. O público não terá grande dificuldade em a... decifrar. Quanto à segunda reportagem ela vai tão clara que não precisa de explicação preambular.

### O ROMANCE IGNORADO DA ACTRIZ J... S... — O ANTIGO D. AMELIA

JÁ decorreram bastantes anos sobre este episódio, mas ainda há quem se lembre dele.

Ela — a heroína desta novela curta — era então pequenina e cativante. Desempenhava os papéis de ingénua, mas tomava-os tão a peito, que as famílias burguesas e pacatas, as famílias graves e preconceituosas, a apontavam ás filhas jovens e casadoras como modelo de virtude.

— Punham os olhos em Fulana, que a pesar-de ser actriz se porta com tanto apuro!...

Efectivamente os olhos dela, grandes, ingénuos — ela desempenhava papeis de ingénua —, nunca se fixavam na plateia, jámais oustavam um olhar inflamado ou menos correcto. Reflectiam sempre a candura, a pureza, a virgindade...

Nos bastidores, um galá de sua intimidade, que lhe rondava o camarim, engendrou uma vez, por ciúmes, um escândalo enorme numa scena de pugilato com um discípulo. E ela, a innocente, albeita ao que se passava, fumava no camarim a sua cigarrilha e saboreava, cálice sobre cálice, o seu «cognac», o seu amigo inseparavel, o auxiliar das digestões sedentárias.

Passaram-se anos e um dia uma novidade sensacional correu nos bastidores:

— Fulana foi para um convento!

Fulana desaparecera de facto. Professora, arrependida das culpas da sua ingenuidade. Pouco a pouco, o seu nome foi esquecendo. E quando da sua recordação não restava já senão uma tênue sombra, um alvarecino trouxe uma nova sensacional: Fulana tinha abandonado o cativo convento.

Bordaram-se os mais variados comentários em torno do acontecimento. O boato mais insistente era de que ella voltaria para o teatro.

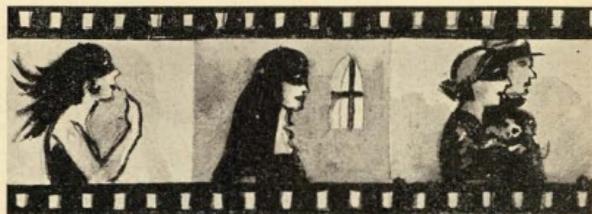
Volto para o teatro — o teatro da Vida, porque era bastante nova para gozar a existencia. Um padre confessor — diz-se — deu-lhe por penitência que escolhesse um coração bom que lhe pudessem dar a indulgência...

Ela escolheu-o. E a mão de Deus não mais abandonou essa mulher que representou mais nos bastidores do que no tablado — embora lhe chamassem uma intelligente actriz.

### CASAMENTOS... E DIVORCIOS

UMA das facetas mais pitorescas da vida íntima dos «stars», das «vedettes», dos «azes», dos «estrelas» e «estrelas», das «vamps» de ambos os sexos de Hollywood é, sem dúvida, a emaranhadíssima confusão dos seus continos casamentos e divórcios. O teatro português não oferece o mesmo espectáculo, nos seus bastidores amourosos, entre outras razões, porque a maioria dos artistas não ganham para as despesas do Tribunal, do Registo e da Igreja e portanto fazem como aquele menino cujo papá era tão pobre que não podendo man-

modestos, estudioso, inteligente, cheio de intuição, triunfou rapidamente; e com o triunfo artístico... veio o triunfo nos amouros... Após várias aventuras pouco duradouras, E. A. fixou-se numa «vedette» luso-cosmopolita, de olhos negros, grandes, pestanudas, e o seu lar durou 15 anos, pelo menos... Rara era a temporada em que os fabricantes de «potins» não viessem cochichar cá para fóra... «Aquião» do A. & S. está nas últimas... Ele já não a pode aturar! Ela está insuportável! A força de repetirem o mesmo boato e dos factos o desmentirem — toda a gente profetizava que aquéles amouros durariam até à hora da morte... A verdade, porém, é que... as coisas estavam turvas. Na última «tourné» ao Brasil, S. fez com que o final da exploração se precipitasse — com o seu precipitado regresso a Lisboa... Entretanto, A. conheceu no Brasil o mel de um primeiro amor romântico, amor de alma, fóra da atmosfera intoxicante dos palcos, um amor que elle nunca conhecera... fóra das peças que representava nos palcos. A «Paramount» contratou-o... Ele partiu para Paris, para filmar... Ora as mulheres, habitualmente, desprezam altivamente os homens que



dar vir os filhos de Paris os arranjava mesmo em casa... As dificuldades financeiras, cobindos de imitar os seus colegas cinematográficos de Hollywood na legalização hipócrita das suas contínuas modificações extra-conjugais, não os impedem de... se divorciarem e de se casarem, à sua maneira, com a mesma frequência e confusão. Estamos elaborando um gráfico nesse sentido que, se o publicassemos, enlouqueceria muita gente...

Mas isso vem a propósito da vida sentimental de um dos actores mais populares e mais venturosos, através de todas as crises, do nosso teatro... Referimo-nos a E. A. De princípios

julgam escravizados aos seus caprichos; mas quando sentem a ameaça de os perder... dão-lhes para os amar, para defender sófreguentemente... a sua ventura — aquela ventura que ellas negavam possuir e que só lamentam quando a perdem. S... teve um palpite e, em segredo, partiu para Paris a tentar reconquistar o terreno perdido. Mas E. A. estava já resolvido... a mudar de vida. Houve um encontro no hotel que o deixou furio. Nessa mesma noite telefonou para Lisboa a precipitados e acõntecimentos. A «Paramount» propôs-lhe novos contratos.

(Conclui na pag. 14)

# Um negociante do oportunismo

**Um amigo dos diabos — Não se pode ter boa fé — Amigos, amigos, negócios á parte — Como foi burlado o Banco do Minho**

**D**A engenhosa maquinaria do crime, movimentada e ensinada no tablado trágico da Vida pelo prodigioso poder de concepção e realização do cérebro humano, não sabemos ainda o que mais digno se torna da nossa apreciação: se os casos de complicada engrenagem, labirínticos e conduzidos inteligentemente pelo criminoso através as mais tortuosas vias, se, pelo contrário, aquêles outros que, por gozarem da impunidade, se socorrem de processos simples mas práticos na objectivação da sua finalidade...

E, francamente, para os primeiros admitimos — sem a aceitarmos — uma saída falsa nos códigos judiciais, uma malha de réde mais larga por onde caiba à vontade, sem se molestar, o criminoso precedente... Mas com os segundos a prova iniludível do crime é certas vezes tão claramente expressiva, tão seguramente comprometedora, que é de estranhar a imperdoável lacuna dos legisladores não prevendo, nos códigos que elaboraram, êsses esquivanças à lei...

Está incluído no número dêstes últimos o caso de que nos vamos ocupar e que é um dos múltiplos «fait-divers» de Guimarães. Trata-se duma autêntica burla, de espantosa simplicidade na sua elaboração, que a lei não prevê e que, por isso mesmo, coloca o criminoso a coberto de qualquer acção judicial que, porventura, a entidade burlada pretendesse mover-lhe.

## A HABILIDOSA ESCAMOTEIAÇÃO DUMA QUINTA

João Branco Tenreiro de Bastos é um desses «negociantes do oportunismo» que sabem esperar convenientemente pela chegada das ocasiões confusas para então poderem delihhar com suma habilidade o instrumento do Interesse, do qual arrancam maravilhosos êxitos, magníficos resultados que, está bem de ver, redundam sempre em beneficio próprio.

A sua primeira falcatura, que tóda a cidade de Guimarães conhece e não esqueceu ainda, revela sobremaneira a sua baixeza de carácter, descobre inofensivamente tóda a lama miserável e repugnante em que este indivíduo chafurda a sua moral.

Conta-se em duas linhas. O leitor que a classifique na gradação das canalhices...

Vitor Leandro é uma pessoa crédula, confiante e de boa fé que, por de nada cuidar mal, apertava a mão do Tenreiro

de Bastos, a quem tratava por amigo, depositando nêle uma confiança cega.

E um dia, precisando impreritelmente de arranjar doze contos de reis, pensou em vender a «Quinta do Arco», razoavel propriedade rural que possuía próximo de Guimarães. Para o efeito foi aconselhado com o seu amigo, o Tenreiro de Bastos, que, profundando a questão, lhe disse: «Homem!... Escusas de vender a quinta... Eu empresto-te os doze contos de que necessitas... Passas-me um

lhe concedesse um mais largo prazo para a liquidação.

— Não tem dúvida — respondeu-lhe sorrindo o amigo. — Pagas quando puderes... Não te preocupes com isso, porque êste crédor não te aperta...

O outro despediu-se confiado e bemi-dendo aquela amizade desinteressada. E quando, tempos decorridos, se apresentou a solver o compromisso, ouviu, asombrado, que o Tenreiro de Bastos lhe dizia:

— Meu caro Vitor, tu perdestes o direito à quinta... Negócios, são negócios! Hoje, o legitimo proprietário da «Quinta do Arco» sou só eu.

— Mas isso é uma infâmia!... gritou o burlado, em face do revoltante cinismo do Bastos. — Eu vou queixar-me ás autoridades...

— Pois vai... Tenho em meu poder um documento assinado por ti e cujo compromisso não respeitaste na data respectiva... Portanto, podes ir queixar-te...

O Vitor Leandro foi, de facto, apresentar queixa, mas, aconselhado por um advogado que consultou, teve que desistir por «falta de bases jurídicas para procedimentos»...

E foi praticando esta proeza que o Tenreiro de Bastos conseguiu apossar-se, pela irrisória quantia de doze mil escudos, de uma propriedade cujo valor real é de algumas dezenas de contos.

## O SACRIFICIO DUMA MENOR E UMA VIGARICE LATENTE

Agora está o emérito burlão tentando efectivar mais uma das suas habituais e caracteristicas façanhas — por enquanto embrionária ainda, mas que dentro em breve será um facto se as entidades competentes não se opuserem à sua realização. Por isso mesmo nos apressamos a publicá-la, certos de que, fazendo-o, prestamos um bom serviço à sociedade. As autoridades que cumpram agora o seu dever — porque o Reporter X orgulha-se de ter cumprido o seu, desmascarando esta farçada...

No activo do Banco do Minho, que, como é do dominio público, faliu recentemente, figura o João Branco Tenreiro de Bastos como devedor, com a bonita soma de 170 contos de reis.

Quando, porém, se declarou a falencia daquêllec estabelecimento bancário, o Ten



— Pagas quando puderes...

documento em regra, um méro pró-fórma lá por causa do meu sócio, e pronto... E' claro que para nós não era preciso nenhum documento, mas como tenho sócio, dá-me um fiador, que até pode ser a própria «Quinta do Arco», e, assim, já êle não tem nada a dizer... Dessa maneira damos legalidade à transacção, mas só na aparência...

A amigavel transacção foi efectuada. Vitor Leandro atravessava uma situação alliativa e o amigo vinha salvá-lo, de momento, desinteressadamente...

Depois, mais tarde, decorrida a data de pagamento, procurou o Vitor Leandro o Tenreiro de Bastos para que êste

(Conclui na pag. 14)

# A invasão negra na

Um ligeiro episódio de há nove anos—Quem era o preto James Wilson?—Um apóstolo Marcus Garvey, o agitador misterioso—Simultaneamente em New-York, em São Paulo e na Liberia—O espírito negro penetra subtilmente na Europa—René Maran, Baker—O “jazz-band” e o “Charleston”—Marcus Garvey em Portugal a ca



«ESTA lá fóra um sujeito de cor... que parece querer falar consigo» — disse-me o empregado, com certo receio de que a sua alusão ao tom epidérmico do visitante me pudesse ofender.

— Quem é? — perguntei, intrigado.

— Não sei — tornou o empregado. — Ninguém compreende o que ele diz. Creio que é estrangeiro. Apenas consegui perceber, a custo, o nome que ele pronunciava: Mario Domingues. Por isso depreendi que quisesse falar consigo.

Já lá vão oito ou nove anos sobre este curto diálogo. Chefeava eu então a redacção de um jornal operário, tão odiado como estimado, pelo desassombro com que combatia todos os crimes, todas as infâmias. Eram frequentes as visitas misteriosas àquela redacção, desde o bom burguês assustado e vingativo que, à sucapa, nos procurava para caluniar os colegas, ao operário rude e infe-

liz que se queixava das injustiças sociais que sobre ele pesavam; desde o revolucionário espanhol, espalhafatoso, fanfarrão, ao emigrado húngaro ou alemão que, acoçado por perseguições através da Europa, vinha cair em Lisboa, faminto, extenuado, taciturno, no olhar apenas a grande esperança no outro lado do Atlântico para onde se escapava clandestinamente, no fundo de qualquer grande navio que demandasse o Brasil ou a Argentina.

Como eu tinha então umas fumaças de poliglota, falando castelhano, francês e inglês, arranhando o alemão através do qual me entendia a custo com tchecos, bulgaros, letões, húngaros e finlandeses, naquela redacção eu era como que o chaveiro do mundo. E todo o ente estranho que, vindo de longe, não tivesse a felicidade de exprimir-se na doce língua de Camões, era confiado à minha guarda. Mercê desta circunstância, que infinidade de entes bizarros eu conheci, a que tragédias assisti, por vezes, impotente para as remediar, que almas diamantinas e rectas roçaram pela minha alma, que habeis *escrocs* internacionais tentaram iludir-me, que mundo de grandezas e misérias desfilou ante meus olhos juvenis, ansiosos de inédito, de beleza e de justiça!

## JAMES WILSON, PRETO AMERICANO

Mandei entrar o visitante. Era um preto retinto, curta barba negra a emoldurar-lhe o rosto enérgico, vestido com o aprumo largo dos americanos e falando um inglês de acentuada pronúncia *yankee*.

Compreendi, num relance, que estava em presença de um preto educado, civilizado, e esta impressão deliciou-me. Se o público concebe sempre os pretos de tanga, dançando batuques com um chapéu alto e amolgado sobre a carapinha áspera!

Eu tinha publicado nessa época uns artigos contra a hipocrisia de certos Estados colonizadores que, sob o falso pretexto de chamarem os pretos à civilização, os espancavam, trucidavam e roubavam, deixando-os tão selvagens como dantes.

E o visitante, depois de me declarar o seu nome — James Wilson —, falou-me dos artigos traduzidos numa revista de negros norte-americanos. Eu tinha vinte e dois anos, salvo erro, e nessa idade a tradução desses artigos pareceu-me uma glória internacional estonteante.

— Os pretos do outro lado do Atlântico — disse-me Wilson — têm pelo seu nome um grande apreço. Proporcionou-se-me agora a ocasião de vir à Europa e não quis passar por Lisboa sem o conhecer.

Se fôsse susceptível de corar, creio que

minhas faces ter-se-iam, nesse instante, tingido de vermelho, tal a vergonha súbita que tive ante aquêl admirador, que representava todos os meus admiradores da Norte America. Que impressões levaria ele da minha figura bisonha, desalinhada, encafuada numa redacção pobre, exigua, escrevendo em papel ordinário com umas canetas reles e blocos de chumbo da tipografia a servir-me de pisa-papeis? Que vergonha!

Mas o homem, alheio ao ambiente e ao meu aspecto horrível, foi falando. Referiu-se, de olhos brilhantes na treva do seu rosto, ao movimento de libertação em prol da sua raça, da minha raça.

— Os negros — dizia — são os judeus errantes do nosso tempo. Mas nós não temos culpas a expiar. Somos os sacrificados, as vítimas, os escravos que anseiam legitimamente pela sua liberdade.

E baixou a voz:

— Você já ouviu falar em Marcus Garvey? — perguntou. — E' o apóstolo da nossa raça. Mas um apóstolo de acção — que prega e age! Levantou barricadas na America e hoje é, devido ás perseguições do governo Americano, um ente misterioso que aparece quasi simultaneamente em New-York, em S. Francisco e na Liberia. Por onde passa, sopra um vendaval de sagrada revolta. Marcus Garvey tem um grande sonho: a fundação de um Estado negro, em Africa, o continente de origem, um Estado independente com técnicos negros, escritores negros, artistas negros, banqueiros negros. Presentemente, tem em organização uma grande companhia de navegação com capitais negros, dirigida por negros, com tripulações negras. Com essa companhia de navegação vai estabelecer uma corrente de emigração negra da America para a Africa.

— E onde está presentemente esse Marcus Garvey? — perguntei eu, mordido por certa curiosidade jornalística.

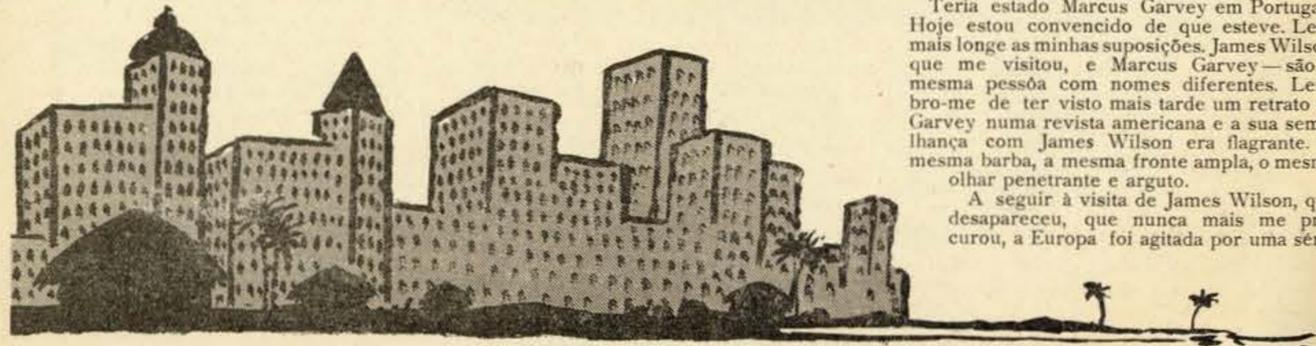
James Wilson hesitou e respondeu, por fim, fitando-me muito:

— Em Portugal.

## MARCUS GARVEY, EM PORTUGAL

Teria estado Marcus Garvey em Portugal? Hoje estou convencido de que esteve. Levo mais longe as minhas suposições. James Wilson, que me visitou, e Marcus Garvey — são a mesma pessoa com nomes diferentes. Lembro-me de ter visto mais tarde um retrato de Garvey numa revista americana e a sua semelhança com James Wilson era flagrante. A mesma barba, a mesma fronte ampla, o mesmo olhar penetrante e arguto.

A seguir à visita de James Wilson, que desapareceu, que nunca mais me procurou, a Europa foi agitada por uma série



# Europa

MAIS DOIS CASOS SINTOMATICOS

DO

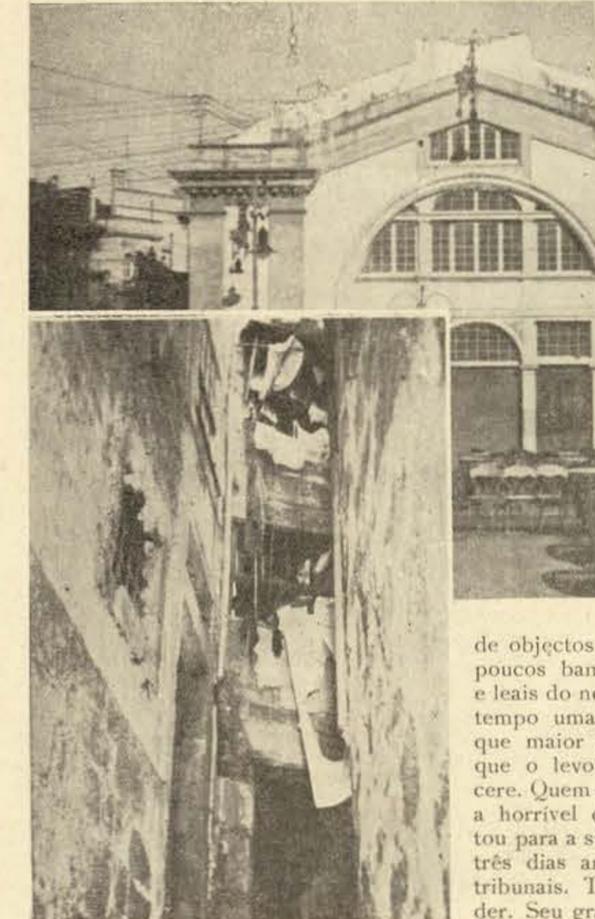
## “CADEADO MALDITO”

lo da raça africana—Francisco da Calfor-Diagne e Josefina minho da Alemanha

AINDA sobre o «Cadeado maldito» e a série de tragédias que ele espalhou à volta de todas as pessoas por cujas mãos passou, recebemos duas informações que nos interessa reproduzir... Uma epistolar — outra... directa.

Eis a primeira: «Sr. Redactor: Li impressionadamente o vosso empolgante artigo sobre o «Cadeado maldito». Quis o acaso que eu fôsse amigo, como irmão, do infeliz «suicida da

O Hotel de Amsterdam, em Paris; uma esplanada do Parque Mayer e uma ruela do Barredo, no Porto; três locais de acção relativa aos sucessos do «Cadeado maldito».



de objectos antigos, a um banqueiro, dos poucos banqueiros honestos, simpáticos e leais do nosso país, que sofreu há pouco tempo uma horrível traição das pessoas que maior fidelidade lhe deviam, traição que o levou a fechar a casa e... ao cárcere. Quem conheceu esse banqueiro sabe a horrível dor que esse golpe representou para a sua alma. Desfez-se do cadeado três dias antes... de sair reabilitado dos tribunais. Tire as conclusões que entender. Seu grato amigo. F. N.»

A outra informação diz-nos que o actual proprietário do «Cadeado maldito» é uma actriz de apelido estrangeiro mas que há muitos anos triunfa nos nossos teatros musicados... O cadeado foi-lhe oferecido... por uma colega... Que o deite fóra — e rapidamente. Já pelo que se passou há dias com ela, deve adivinhar o poder fatídico desse pedaço de ferro...

Avenida da Liberdade», que V. indica como último proprietário do fatídico cadeado... Pois bem... A viuva do suicida, que ficou em péssimas circunstâncias, viu-se na necessidade de vender todo o recheio da sua casa e fui eu, como amigo do marido, encarregado desse leilão. Esse cadeado, recordo-me bem, foi vendido, num lote



(Conclui na pag. 14)

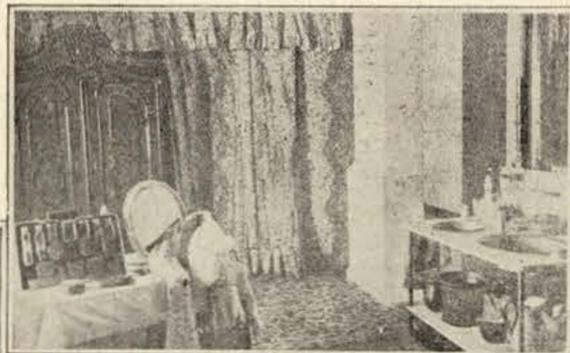
# O assassinio dos Reis da Servia

FOI num restaurante turco, ao final de Old Street, apinhado sempre de balkânicos, de egípcios, de assírios, e dirigido por um muçulmano com olhos pestanudos de andaluza e bigodeira forte e untada, de pachá romântico... Jantávamos, deliciosos, petiscos de Constantinopla, guloseimas de sultão, regados por um péssimo vinho grego. Jean Ciubranovitch, meu amigo, quasi meu irmão, sábio cicerone de todos os recantos do labirinto londrino, conduziu-me àquela local para que eu experimentasse a cozinha oriental europeia... Já na sobre-mesa, dois indivíduos que acabavam de entrar no restaurante e que esperavam vez, acercaram-se da nossa mesa, dirigindo-se ao meu companheiro. Um deles era moço, dum moreno lustroso de índio e oculos de banqueiro americano, o outro era idoso, com a barba alvissima ligada ao bigode e ás patilhas peludas, estilo Imperador Francisco José... Ciubranovitch apertou afectuosamente a mão do jovem, e como o outro lhe estendesse também a mão ele franziu o sobrolho, mediu-o dos pés á cabeça e soltou, num idioma desconhecido para mim, uma frase que me soou a insulto... O cavalheiro idoso estremeceu, conteve-se, e afastou-se prudentemente. Ciubranovitch, muito pálido, disse-me:

— É um dos matadores de Draga!  
— Sabe-se lá nunca... — comentei. — A calúnia não poupa os inocentes mais honrados...  
— Ah! Não! — exclamou o meu companheiro, com entusiasmo. — Já lá vão muitos anos, mas eu não esqueci ainda as caras... E que... assistiu a esse crime! Vi-o cometer! Sei bem o papel que esse homem representou na tragédia de Belgrado.

— Não é a primeira vez que vos evoco a figura gigantesca de homem, de patriota e de jornalista que é Jean Ciubranovitch. Em várias se não em todas as minhas reportagens, durante a última excursão a Londres, o citei iluminando-o precipitadamente. Ciubranovitch, patriota montenegrino, jornalista brilhante desde a ju-

ventude, director de um diário de Cettigne, percorreu o mundo, acudindo á pátria sempre que a pátria necessitava de soldados. Republicano por lógica e temperamento, era amigo íntimo do Rei Nicolau. As suas reportagens



«Fotos» dos apartamentos íntimos dos reis assassinados — feitos amanhã seguinte á chacina: 1 — O boudoir da Rainha; 2 — A toilette de noiva de Draga e o armário onde ela se escondeu; 3 — O estado em que ficou o escritório do Rei Alexandre depois da invasão dos assassinos



«Fotos» dos apartamentos íntimos dos reis assassinados — feitos amanhã seguinte á chacina: 1 — O boudoir da Rainha; 2 — A toilette de noiva de Draga e o armário onde ela se escondeu; 3 — O estado em que ficou o escritório do Rei Alexandre depois da invasão dos assassinos

— Há mais de quinze anos que vários trusts jornalísticos da America e da Europa me perseguem com esse pedido. Tenho-me recusado sempre... Mas a você... á sua amizade não posso negar-me. Está bem. Conte comigo... É eis como o Reporter X obteve esta reportagem, uma das mais sensacionais que tem publicado até hoje.

## PREÂMBULO

Esta reportagem é o sumário duma das mais horribes tragédias que ensanguentaram a História contemporânea; jornalista que passados tantos anos a escrevo, fui uma das testemunhas dessa tragédia e dos seus antecedentes. Conheci pessoalmente vítimas e matadores. O eco desse drama encheu o mundo inteiro. A Austria tencionava invadir

**Um encontro no restaurante turco de Old Street — Quem é Jean Ciubranovitch, o patriota montenegrino — As grandes intrigas de uma pequena corte — Um romance de amor que se afoga em sangue — Os conspiradores — O prémio vil dos traidores — Por uma noite tenebrosa**

a Servia, para prevenir mais massacres, enquanto o Governo Britânico chamava de repente o seu ministro em Belgrado, cortando assim as relações diplomáticas com o governo do Rei Peter Karageorgevitch, que foi colocado no ensanguentado trono da Servia pelos assassinos. O actual soberano desse país, Alexandre Karageorgevitch, é filho segundo de Alexandre Obrenovitch... Ora Alexandre Obrenovitch é precisamente o heroi-mártir dum drama...

## OS AMORES DE ALEXANDRE E DE DRAGA

Esse Rei Alexandre tinha alguns defeitos — mas o crime que o levou á morte foi o de amor, uma louca e romântica paixão pela que foi Rainha Draga... Aos 13 anos foi feito soberano da Servia. Impressionou-o profundamente a abdicção a seu favôr do Rei Milan, quando o Rei, na presença de toda a corte, se ajoelhou diante d'ele e jurou fidelidade a seu filho e rei. Mas ao mesmo tempo, foi forçado a governar um dos países mais difíceis do mundo. Abandonado pelos pais, entregue nas mãos de homens cínicos, sem uma educação moral própria, ensinaram-lhe a desconfiar de tudo e de todos. Quando se apaixonou pela linda viuva Draga, mais velha que ele



Jean Ciubranovitch, o heróico jornalista montenegrino de quem já temos falado e que escreveu propositadamente esta reportagem para o Reporter X

nove anos, fê-la sua rainha em face de todas as oposições, e conservou-se-lhe fiel até á morte. Este — o único amor que fundamente sentiu — deu pretexto aos inimigos inveterados da sua dinastia para organizarem uma conspiração e assassiná-lo.

A Rainha Draga era uma linda e fascinante viuva dum pequeno official sérvio. Pela sua beleza, encanto e talento, fortalecidos com a sua descendência de Nikola Lunjevitsa, que foi amigo íntimo do avô de Alexandre, Príncipe Milosk, a Rainha Natalia, por piedade, completou a sua educação e tomou-a como *dame d'honneur*. Foi

na vila Sashino da Rainha Natalia, em Biarritz, que Draga recebeu de Alexandre propostas de amor, ás quais por algum tempo resistiu, mas por fim tornou-se sua amante. E como a sua influência sobre ele fosse absoluta, obcecante, fê-lo casar com ela.

## O FILHO CONTRA O PAI

Mas antes de chegarmos ao desfecho trágico desta reportagem, foquemos, embora a traços largos e rápidos, alguns pormenores que em torno deste drama sangrento se acumulam. O conhecimento por parte do público da rede de intriga política e sórdida que se estendia sobre o reinado de Alexandre da Servia tornará o drama mais compreensível.

Vejamos primeiramente as relações existentes entre o rei que abdicou, o Rei Milan, o pai de Alexandre, com o filho.

Milan abdicou em favor de Alexandre em 1899. Estava trabalhando para obter para seu filho a mão duma princesa alemã, e tinha todas as probabilidades de ser bem sucedido quando seu filho, inesperadamente, e com espanto de todos, casou com Draga, viuva de um engenheiro civil, Svetozar Mashin.

Influenciado por Draga, Alexandre fechou a seu pai a fronteira da Servia e portou-se cruelmente com ele.

Milan, pouco depois, morreu de desgosto em Viena. Este estranho homem era uma curiosa mistura de sangues romano e sérvio. Representava como uma mulher e chorava quando queria; tambem «posava» de heroi e de chefe do exército.

## O PAPEL DESEMPENHADO PELA RAINHA NATALIA

A Rainha Natalia, mãe do rei Alexandre, era uma mulher linda, inteligente, com força de vontade, e imperiosa. Da classe média da nobreza bessarabiana, elevada á categoria de rainha pelo Rei Milan, para tal faltavam-lhe qualidades próprias. Tornou as vidas do marido e sua amargas e infelizes. Para paralisar a influencia de Milan permitiu á *dame d'honneur*, Draga, que flirtasse com o jovem rei, mas, depois de informada dos factos, bravamente tentou salvá-lo quando já era tarde.

## A INFLUENCIA DA RUSSIA

A grande potencia orthodoxa slava exerceu uma tremenda influencia nos povos orthodoxos e slavs da Servia, simples e ingénuos. Odiavam implacavelmente o Rei Milan, pela sua recusa de continuar a ser um instrumento nas suas mãos, e pedir protecção á Austria. Para separar o Rei Alexandre de seu pai, e fechar as portas da Servia para sempre a este ultimo, a Russia facilitou — inventou — o programa do casamento do Rei Alexandre e Draga. Também muito ajudou materialmente o trágico fim do Rei

Alexandre e a ascensão ao ensanguentado trono a Peter Karageorgevitch.

## PARTIDARIOS DA DINASTIA KARAGEORGEVITCH

Esta gente espalhou e enraizou o descontentamento contra Alexandre, organizou conspirações para derrubá-lo e colocar no seu lugar o pretendente Peter.

## GRUPO DE OFICIAIS SÉRVIOS

São como se fossem partidários da dinastia Karageorgevitch. Alguns só por patriotismo, outros por motivos sórdidos, decidiram assassinar o Rei Alexandre, os mais importantes dos seus ministros e cortezãos e também a Rainha Draga e seus dois irmãos. Chefiando a conspiração estava o cunhado de Draga, coronel Alexandre Mashin.

## GENERAL YOVAN ATANATSKOVITCH

O general Yovan Atanatskovitch era o ministro da guerra no governo revolucionário. Suspeito há muito de conspirador, era demasiado esperto para ser apanhado.

## ALGUMAS PERSONAGENS ESTRANHAS

O capitão Kostitch era um bebado brutal, avarento e muito ambicioso, de estatura colossal, cara redonda e nariz grosso.

Parente próximo, pelo casamento, da rainha isso não obsteu a que os tratasse brutalmente quando do assassinio. Saiu para matar os irmãos da rainha de um modo cínico.

Mostrava a espada tinta de sangue ás multidões, na rua ou em cafés públicos. Foi ele que, como Comandante da Guarda do Palácio, abriu na noite fatal a porta oeste do pátio do palácio para a entrada dos conspiradores. Foi depois promovido a major e recebeu cerca de £ 1000 como prémio do seu crime.

O coronel Alexander Mashin, cunhado da Rainha Draga, era um dos principais organizadores dos assassinios. Gaba-se de ter sido o primeiro a atirar sobre a rainha.

Recebeu £ 1.200. Pequeno, bonito homem, ambicioso, com desejo enorme de Poder.

O coronel Peter Mishitch foi o primeiro a atirar ao Rei. Foi um dos mais importantes organizadores da conjura. O seu olhar selvagem e penetrante era aterrador. Recebeu £ 1.000 e promoção no Ministério da Guerra. Depois aterrizou o Rei Peter, que nada se atrevia a fazer sem consultá-lo.

O general Lazar Petrovitch, primeiro ajudante de campo do Rei Alexandre e chefe da casa militar, era uma figura simpática. Grande favorito da corte, considerado o homem mais bonito do reino, despertava inveja pela rapidez da sua promoção. Representou o Rei Alexandre na coroação do Rei Eduardo VII. Bravo, intrépido, forte como um leão, mestre atirador, con-

teve os assassinos durante duas horas no palácio, e foi depois morto a tiro.

Foi neste ambiente de intriga que se desenrolou a grande tragédia servia que emocionou o mundo. Eram as feras que esperavam da sombra o Rei Alexandre, obcecado por uma mulher.

Uma noite escura, tenebrosa. Só se vêem algumas vélas, como relâmpagos rasgando o negro do céu nevoento.

Ouvem-se de vez em quando tiros e a assustadora detonação de explosões de dinamite.

Soldados e officiais, em silêncio tumular á volta do palácio, aguardam ordens dos chefes conspiradores. Pouco antes da madrugada de 11 de Junho de 1923 os assassinos enraivecem-se com medo e desespero, pois as suas buscas pelo Rei e Rainha continuam infructíferas.

Doidos de raiva, repentinamente abrem um forte tiro de revólveres e granadas de mão. Então arromba-se uma janela do primeiro andar do palácio; a rainha aparece semi-nua e su-



O Rei Alexandre da Servia e a Rainha Draga, no dia do seu casamento de amor... (Foto da época)

plica por piedade aos soldados que venham salvar o seu Rei.

O capitão Kostitch, que passeava no jardim debaixo da janela, atira á Rainha. Ela fecha as persianas de Veneza. Silêncio. Abre-se de súbito outra janela e o corpo ensanguentado do Rei é arremessado para o jardim, seguindo-o imediatamente o corpo da Rainha. Então aparece o coronel Mashin e grita:

— Longa vida a Peter Karageorgevitch, Rei da Servia!

JEAN CIUBRANOVITCH

## “NOVELA POLICIAL”

A próxima novela, que se publicará em 19 do corrente, intitulada **O crime do «sud-express»**, é da autoria do nosso querido amigo e excelente companheiro de trabalho Americo Faria, um novo nas letras que revela admiráveis qualidades de novelista, e não da de *Reporter X*, o nosso Director, como, por lapso, se annunciava na última página deste número.

UM LIVRO NOTAVEL

«Canções» — ora reimpresso em cuidada edição — está despertando a atenção do público e de altas mentalidades nacionais e estrangeiras

ESCRUTÁMOS ou lêmos em qualquer parte — não nos recorda bem onde — que as teorias mais arrojadas, absurdas, imorais, quando expostas com arte, elegância e inteligência, são sempre convincentes e verdadeiras. Efectivamente, em arte tudo é admissível, porque emanando ela das fontes mais profundas da alma humana — tão profundas que pre-



conceitos e ficções sociais lá não chegam — natural é que brote e se expanda com a indiferença grandiosa da Natureza, que salta espontânea sobre as pequeninas conveniências humanas em que os espíritos vulgares transformam em dogmas.

Estas graves considerações quasi filosóficas e demasiado sisudas foram-nos sugeridas pela leitura recente de um livro tão cheio de beleza como de amorabilidade — uma amorabilidade superior, requintada, elegante, artística, — um livro de Antonio Botto, que só agora principia a ser apreciado como poeta de grande mérito. *Canções* — assim se intitula esta obra delicada — é um livro sincero, cuja sinceridade brutal se oculta sob uma elegância e uma beleza de brandura inexcedível. Os versos, de uma sensualidade ora ansiosa e mordente, ora de uma suavidade leve e espiritual, são sempre modelados com um requinte só acessível ás sensibilidades educadas numa grande escola de beleza.

*Canções* — que foi reimpresso agora numa edição cuidada — está recebendo presentemente um bom acolhimento por parte do público leitor que vê em Anto-

OS HORRORES DA CADEIA DE SERPA

A fantasia e a realidade — No ano 1925 — Carcereiros carrascos — Presos e famintos — Uma vítima de 12 anos — Dramas que a vida engendra — A odisseia de Manuel Alves Barreto

A fantasia humana, por maior, por mais variado e impressionante que seja o previsto por ela criado, fica sempre muito à quem da realidade. Os homens de génio gastam o melhor da sua vida em inventar desgraças, dramas comoventes, tragédias horripilantes, e quando julgam ter ultrapassado as mais altas gradações de sofrimento de que é susceptível o coração humano, vem a vida com o seu cortejo de fatalidades, engendradas por um Satanaz oculto, e sobrepuja tudo quanto o génio criou. O caso a que nestas ligeiras páginas de jornal nos vamos referir não é invenção nossa, nem cópia de qualquer grande drama concebido por imaginação fecunda de dramaturgo ou novelista — é um episódio da vida real idêntico talvez a tantos outros que não tiveram a sorte de ser conhecidos por um jornalista corajoso, capaz de contá-los ao grande público.

Queiram os leitores dar-se ao trabalho fácil de folhear o *Seculo* de 24 de Maio de 1925 e procurar na secção das provincias uma correspondência de Serpa, que reza fielmente assim:

«O que aqui se passa em relação aos presos da cadeia civil é simplesmente revoltante. Custa a crer que haja autoridades capazes de levar tão longe o esquecimento dos mais elementares deveres de humanidade e que num país que se diz civilizado sucedam coisas como esta. Trata-se nada mais nada menos deste facto espantoso: Aos desgraçados que caíram nas malhas da Lei não é dado alimento há dias, não tendo morrido de fome por a caridade pública haver generosamente intervindo. A indignação é geral. Não há ninguém que deixe de protestar contra semelhante crime.»

Isto já é alguma coisa de impressionante. Mas há mais, muito mais.

A prisão estava entregue a uma familia de carcereiros, almas verdadeiramente sinistras, para quem os presos eram de menor valia do que os animais ferozes. O carcereiro era um bêbado e costumava confiar os presos à guarda de sua mulher. Esta abalava para as feiras, ás

Botto, não um falso poeta enfatuado e óco, mas um sincero, que canta maguadamente, por vezes com um pouco de malícia triste e resignada descrença, as dores que enlutam a sua alma e os pequenos grandes dramas engendrados pela sua maneira de ser em conflito com um mundo materialão e grosseiro que, em nome da sua grosseria, quer impôr ao mundo uma moral que o poeta nem sempre, por temperamento, pode aceitar.

*Canções* — que sugeriu a altas mentalidades como as de Guerra Junqueiro, Teixeira Gomes e Pirandello palavras de entusiasmo e estudo ponderado e sério — não pode ser um livro fútil. E' qualquer coisa de sólido e belo na poesia do nosso tempo.

G. RUIVO

(Conclui na pag. 14)

vezes, dias seguidos, deixando os pobres desgraçados a morrer de fome no cárcere. Se protestavam ou imploravam comida, um dos filhos deste tenebroso casal, um epiléptico — filho de bêbado sabe beber —, invadia a cadeia e desancava os presos famintos. Succedia também, pai, mãe e filhos, num desprezo revoltante pelas suas obrigações, abandonarem a cadeia, deixando os presos entregues a uma criança de 15 anos. Não eram carcereiros, eram carrascos.

Foi neste inferno que o herói desta reportagem, o Sr. Manuel Alves Barreto, natural de Serpa, veio cair um dia, por desgraça sua. Foi ainda neste local sinistro que êle encontrou, durante 22 meses de clausura, o germen da terrível doença que o vem matando aos poucos.

O eco desta horrível tragédia chegou aos jornais de Lisboa. *A Voz* de 16 ou 17 de Setembro de 1926 fez-lhe referência, rematando-a com este comentário: «Se justiça se fizer, muitas outras coisas virão a lume, que pela sua natureza não nos compete nem podemos relatar e que são dignas do mais implacável rigor da Lei.»

Que coisas eram essas a que o jornal se referia com tanta repulsa? Que crimes seriam esses merecedores do mais implacável rigor da Lei?

Muita gente conhece esses crimes. Manuel Alves Barreto tem-nos contado a meio mundo, num relato emocionante, sentido, molhado de lágrimas e acompanhado de lamentos. Entre outros, um desses episódios impressiona pela crueldade com que feriu o coração do protagonista deste drama. O filho do carcereiro, o epiléptico, aproveitando-se da circunstância de Manuel Barreto estar a ferros, não podendo portanto defender-se, nem a si nem aos seus, enganou uma sua filha, uma pobre criança de 12 anos, a haste florida e perfumada que se erguia na aridez da sua existência. E desse atentado sem nome resultou uma morte: a filha de Manuel Barreto, a pobre vítima. Avalie-se a dor deste pai, manietado e escarnecido no seu cárcere.

E porque foi Manuel Alves Barreto cair naquela prisão tenebrosa, inquisitorial? Que crime teria êle cometido para sofrer tão torturante castigo? Que culpas seriam as suas para merecerem a dura expiação de 22 meses de cadeia, onde a filha de 12 anos viria a perder a honra e a vida?

Apenas o crime de usar do direito de habilitar-se a uma herança. Por querer receber a sua parte, a familia perseguiu-o. Um irmão procurou por todos os meios afastá-lo, chegando à ameaça de morte. Manuel Alves Barreto temia-o. E preveniu-se com uma arma. Um dia em que o perigo de morte era imminente, o Barreto, em legítima defesa, desfechou a arma. Soaram dois tiros. Uma bala cravou-se no chão, outra no tecto. O Barreto apenas quis intimidar o irmão e, pelo alarme, escapar-se ao perigo. E afinal esses dois tiros foram a origem do seu drama. Foram êles que o levaram a conhecer a prisão — o inferno de Serpa.

Imagine-se o que não seria a acção do carcereiro, por um lado, alma sem escrúpulos, sem piedade, como já vimos no tratamento dos outros presos; por outro lado querendo agradar à familia do Barreto, armando em seu

1808 Junot



Peça em quatro actos de Reporter X e Mário Domingues.

A primeira invasão francesa em Portugal provocou um abalo profundo na vida portuguesa, de aspectos tão variados e impressionantes que com êles se poderiam escrever inúmeros romances. Os episódios novelescos da passagem das tropas napoleónicas pelo nosso país; as intrigas de caracter político tecidas em torno de Junot, o governador de Portugal nessa época decadente da nossa história; as aventuras amorosas a que o general gaulês deu origem com o seu temperamento donjuanesco; o ridículo de uma côrte de generais novos-ricos vindos das camadas mais baixas da sociedade francesa e guindados pelo triunfo das batalhas a altas situações para as quais não possuíam educação nem hábitos tradicionais de elegancia aristocrática, formam um manancial de materiais admiráveis para a arquitectura de uma grande peça de teatro.

Foi com êsses materiais que Reinaldo Ferreira, *Reporter X*, cujas extraordinárias faculdades de dramaturgo se revelaram na *Dama do Sud*, que tão grande êxito alcançou, e Mário Domingues, que inicia agora a sua carreira como homem de teatro, escreveram uma peça de grande espectáculo, deslumbrante pelo ambiente de luxo e grandeza que focam, sensacional pela forma como um entreccho empolgante de grandes aventuras de amor é por êles conduzido através de quatro actos intensos, plenos de imprevisão, de violencia, de ternura e de drama.

1808 é o nome dessa peça que *Reporter X* e Mário Domingues acabam de escrever e que uma das melhores companhias teatraes, em breve, representará.

Tôdo o primeiro acto se afirma nobilissimamente constituído para os três actos

restantes, nos quais perpassa, estuante de beleza e de revolta diluída, a alma portuguesa, na fortissima e bela figura de José Roxo.

Junot é focado com notavel maestria, e a delicada e humana Lydia Toscani, a amante esquecida do famoso aventureiro, tem detalhes verdadeiramente impressionantes.

A grande scena do segundo acto e o

pungentissimo encontro do 3.º com Andoche colocam definitivamente esta obra entre as obras mais belas que o teatro português contemporâneo se orgulha de possuir.

Muito se tem escrito sobre Junot — e muito ainda ficou por desvendar na vida desse aventureiro audacioso, por quem as mulheres do seu tempo sentiam uma atracção irresistível.

Das muitas mulheres portuguesas que o déspota requestou e facilmente conquistou, uma houve em Portugal que lhe soube resistir. E essa mulher não era fidalga, como tantas que caíram nos seus braços fortes, não era casada como a maioria das que procuravam, com o consentimento benévolo dos maridos, os supremos delitos do amor na alcova do general invasor. Era uma mulher de baixa esféra, uma bailarina de ínfima categoria do Teatro de São Carlos, uma cortezã de fácil conquista, Lydia Toscani, que passou ignorada dos compendios de escola, mas que *Reporter X* e Mário Domingues arrancaram da sombra obscura do passado para a luz da ribalta.

E' em tôrno desta figura obscura que gira tôda a intriga do 1808, com o cortejo marcial dos generais, a graça luxuosa e rica das generalas, o labirinto das conspirações políticas, a violencia dos atentados, a argúcia da policia, a traição dos maus patriotas e a fraqueza de Junot, o vencedor que tudo esmaga e conquista, excepto o coração dessa mulher que lhe inlinge o mais pesado castigo moral que se pode conceber.

1808, a peça de grande espectáculo que Reinaldo Ferreira e Mário Domingues acabam de escrever, vai despertar em Lisboa as mais vivas curiosidades do público e a mais forte sensação dos últimos tempos.

HOMENS & FACTOS DO DIA

(Continuação da pag. 3)

nha imaginação comprehendesse que a guerra era um crime. A minha alma encheu-se de horror ante essa barbaridade — e desse horror convulso nasceu o pacifista calmo. E do espectáculo horripilante da terra revolvida pelas explosões das granadas e semeada de cadáveres putrefactos, surgiu em minha mente a visão alacre da terra fecundada pela trabalho livre do homem livre, coberta por searas amadurecidas ao sol magnifico da Paz.

Percebi agora, depois de adulto, que nem eu, nem tu, leitor, nascemos para ilustrar com o nosso sangue anónimo a história gloriosa dos reis, dos poderosos.

E que se êsses entes excepcionais, que se julgam de essência divina, discordam entre si — que façam êles as guerras, êles que são heróis, êles que vivem para a posteridade, êles que são ricos e não fazem falta ás familias, êles que têm ambições desmedidas, e nos deixem a nós em paz, entregues ao nosso trabalho humilde — garantia do progresso dos povos — porque nós não nos importamos de que os historiadores mais tarde se esqueçam de incluir os nossos nomes nas páginas extensas e douradas da ferocidade humana.

MARIO DOMINGUES

UM EQUIVOCO QUE SE DESFAZ

O nosso prezado colaborador sr. Costa Junior no seu artigo *Um dos grandes enigmas do Angola e Metropole*, publicado no nosso número transacto, fazia as seguintes afirmações a propósito da firma Walker Brothers, do Largo do Corpo Santo:

«A firma do Largo do Corpo Santo liquidou à pressa, vendendo o que possuía ao desbarato, e os seus sócios seguiram misteriosamente para Inglaterra — tão misteriosamente que quando a policia os procurou já não os encontrou. O certo é que nunca mais apareceram.»

No dia seguinte à publicação destas alusões procurou-nos o sr. Walker, um dos sócios da referida firma, que nos afirmou que não só se encontra em Portugal, como nem êle nem o seu irmão jámais abandonaram este país. Tomando à conta de equívoco do nosso colaborador as referências que lhe foram feitas, estamos certos de que aquêles senhores relevarão esta falta involuntária.

# Um grande combate naval nas costas do Brasil

A Europa em guerra — El-Rei D. José ao torno e Sebastião José no trono — Invasão da provincia de Trás-os-Montes por um exército espanhol — Em pleno Atlântico: Tódos a postos de combate! — A batalha — Vitória, Vitória!... — E viva Portugal!...

No dia 16 de Março de 1762, o governo português — digamos, com mais propriedade, o Marquês de Pombal... — recebeu uma nota colectiva da França e da Espanha, que o convidava a colaborar na guerra contra a Inglaterra. Negou-se o Marquês à tração que dele se exigia, visto que Portugal era aliado da Grã-Bretanha. A Espanha iniciou, imediatamente, as hostilidades, invadindo a provincia de Trás-os-Montes, com um numeroso exército comandado pelo general D. Nicolau de Carvalho. A energia do Marquês de Pombal começou a actuar concentrando em Lisboa 43.000 homens, ascrescidos de 7.000 ingleses que o gabinete londrino enviava em nosso auxilio. O comando foi entregue ao Conde de Lippe, contratado na Ale-

gação da India, quer na ida, quer no regresso, que para ambas as hipóteses era forçoso dobrar o Cabo das Tormentas; e o tráfico de escravos, alimentado pelo grande fornecedor que reinava no Dahomey e entregava a mercaderia ao governador do forte de Ajuda, na costa occidental da Africa, esse horrivel comércio de besta humana forçava os veleiros mercantes à travessia do Atlântico, descarregando em Africa o tabaco e a polvora com que pagavam ao tirano negroiro.

As forças navais que a Metrópole mantinha no Brasil, em 1772, eram muito reduzidas. Pondo de parte navios de pouco valor militar, ancorados por aqui e por allá, uma única esquadra estava fundada no porto do Rio de Janeiro, composta das naus «Santo Antonio», «Prazeres» e «Belem» e das fragatas «Princesa do Brasil» e «Pilar» sob o comando em chefe do coronel de mar (como então se designava o posto actual de contra-almirante) Roberto Mac-Donnell. Contra esta pequena esquadra enviou o governo espanhol uma outra muito mais poderosa, que largou do porto de Cadiz e que se compunha de nove naus de linha e de doze fragatas, fóra urcas, sétias e outras embarcações auxiliares. A disposição de forças era colossal. Dir-se-ia que, para decorar um mosquito, Castela não enviava um elefante!

Em 14 de Abril de 1777 uma fragata portuguesa apressou, à entrada do porto de Santa Catarina, a sétia castelhana «Santana», armada com 8 peças e tripulada por 82 homens. Foi uma escaramuça, nada mais. Mas soube-se, pelos príncipeiros, que vinham em viagem para o Brasil, e já deviam estar próximas do Rio de Janeiro, mais duas naus de guerra, armadas com 74 peças cada uma, e outra fragata de 32 peças. Bôa presa para o corso audaz! O coronel de mar Roberto Mac-Donnell não hesitou. Fez sinal à esquadra para aproar ao mar.

O vento era de feição e o mar banzeiro. A tripulação da nau estava adestrada na faina. Logo, pois, que a amarra ficou a pique de estai, o coronel mandou formar para largar. Subiu a arandaja. E da ponte do comando vieram ordenas breves, que o alito do mestre de manobras lá repetindo.

A nau começou a rasgar lentamente as águas mansas da Guanabara, levada pelas asas das velas, pando a embaldada na ondulação cariciosa do mar, que lá longe, fóra da barra, apparecia corado de vagas de crista espumosa.

Apitou de novo o mestre, que o comando queria mais pano. Fôram caçados os joanetes e os sobros. O navio acelerou a marcha, embicou á garganta estreita da barra, viu diante de si o mar largo. De novo trinou o apito:

— Leme de vento, escotas de prôa. Ronda a escota à retranca. Bragas a estibordo.

O navio, cingido ao vento, de bolina um pouco folgada, meteu a prôa a N. O. Iam-lhe na conserva os outros barcos da esquadra. O official de quarto ficou no seu posto. Caía a noite.

\* \* \*

Ás 7 horas do dia seguinte, 15 de Abril, a nau capitânia «Santo Antonio» encontrou-se isolada. A «Prazeres» e a «Belem», as fragatas

«Princesa do Brasil» e «Pilar», tinham-se afogado no horizonte. Ao meio-dia avistou-se a nau «Belem», navegando distante pela pópa a sota-vento. A «Santo Antonio» ferrou algum pano, na intenção de esperar pelos outros navios da esquadra. O vento tornou-se inconstante entre N. e O. N. O. Ás 4 horas ouviram-se tiros ao sul. A «Santo Antonio» fez força de velas na direcção, mas o vento abançou e assim ficou



Aprisionamento da nau «Santo Agostinho»

manha, general educado na escola de Frederico, e já experimentado em numerosas, e sangrentas batalhas. Os espanhóis não fóram felizes. Continuamente hostilizados pelas populações portuguesas, os castelhanos não conseguiram passar muito aquém das fronteiras, nem mesmo quando estenderam as operações militares à Beira. Preparava-se uma batalha decisiva, quando se celebrou um armistício, primeira consequência das negociações para a paz geral, iniciadas, em Paris, pelas grandes potências. Em 7 de Março de 1763 firmou-se a paz. A guerra foi, portanto, efémera. Teve, apesar disso, repercussão no Brasil. A narração dum episódio vai ser pretexto para este artigo.

## UM ELEFANTE CONTRA UM MOSQUITO

O Brasil era, então, servido por dois grandes portos principais: a Baía e o Rio de Janeiro. O primeiro era um porto comercial, mais que militar; a Guanabara, com o seu vasto estuário, imensa cratera de vulcão no época mais recuada das primitivas convulsões geológicas; a Guanabara, onde as águas são um espelho e os ventos suaves brissas, servia melhor para porto militar, ancoradouro preferido dos navios de guerra. A Baía ficava quasi na linha da nave-



Parte do relatório official do coronel de mar Roberto Mac-Donnell enviado ao Marquez de Pombal, acerca do aprisionamento da sãtia castelhana «Santana». Original archivado na Bibliotheca Nacional de Lisboa, sob n.º 3441.

tôda a noite, em calmaria. Ao longe ouviam-se detonações espacadas. Por certo que os outros navios da esquadra se batiam com os castelhanos. E a nau «Santo Antonio», ali parada á falta de vento. Era para desesperar!

Em 16 de Abril refrescou o tempo, logo de madrugada. O mar tornou-se agitado. Grossas cordas de água caíam das nuvens negras, que galopavam no céu, enoveladas. Roncava o trovão. Os relâmpagos deslumbravam.

Ás 7 horas a vigia do traquete annunciou: — Uma vela a barlavento! Mac-Donnell embocou o porta-voz: — Gageiro, que vês tu? — Mais velas. São três embarcações de grande calado.

O coronel assistou o olho e esperou alguns minutos. As lentes puseram-lhe diante dos olhos uma nau de linha, que navegava a tódo o pano. O comandante, com voz forte, ordenou pelo porta-voz:

— O inimigo à vista! Tódos a postos de combate!

Acenderam-se os mortôres, encheram-se os baldes com água doce, puseram-se a geito os mos-

(Conclui na pag. 15.)

# D. AFONSO DE BRAGANÇA

Como viveu nos últimos tempos de exílio e como morreu o irmão do Rei D. Carlos — A história do seu casamento — Os conselhos do seu creado e amigo "Ponta da Unha" — O destino triste de um príncipe

*A multidão, curiosa e indiscreta por indole, sempre gosta de conhecer pormenorizada a vida íntima dos reis e dos príncipes. Dir-se-ia que eles não são feitos da mesma massa que os mais humildes plebeus, que seus corações, na alegria e na dor, não pulsam como os nossos e tudo em que eles intervêm possui um cunho de originalidade e ineditismo inacessíveis aos outros mortais.*

*Por isso a nossa reportagem de hoje sobre os últimos tempos da vida do príncipe D. Afonso Henriques, irmão de D. Carlos I, que faleceu no exílio e na miséria, vai despertar decerto uma estranha sensação entre os nossos leitores.*

*Apesar desta reportagem iniciar sobre factos pouco verosímeis, garantimos que tudo succedeu como o Reporter X vai revelar, desafiando toda a rectificação, mesmo em pormenores insignificantes.*

## DOIS MINUTOS DE HISTÓRIA

Reportemo-nos, sem fumaças de eruditos nem pormenores capazes de produzir em quem nos lê o efeito de dormideiras, a alguns antecedentes históricos indispensáveis para melhor compreensão do assunto que pretendemos abordar. Lembremos o reinado de D. Luis I, o rei de sorte, que viveu na época mais sossegada, mais cansada do país, a época que succedeu a um largo período de guerras e revoluções, que deixaram a nação extenuada. Foi um reinado de paz, que permitiu a D. Luis, um gozador burguês, arranjar à vontade o seu violoncelo, dormir com deléite nos braços setinosos de uma actriz em yoga, sofrendo pacientemente o histerismo de D. Maria Pia de Saboia, e rever-se nos dois filhos D. Carlos e D. Afonso, o príncipe real e o infante. Dizia-se então que o successor presuntivo de D. Luis era um prodígio de inteligência, mas que o D. Afonso não valia nada. E foi assim que se sumiu o reinado de D. Luis I, monarca que

se finou em 1889, destilando pús de um corpo apodrecido em vida, a cair aos pedaços, largando agora um dedito, logo um calcanhar, ate, finalmente, render o espirito.

## UMA MOCIDADE ESTURDIA E BARATA

Succedeu D. Carlos I. O que foi o seu reinado e a forma trágica como terminou, e do domínio do público do nosso tempo e pouco interessa para esta reportagem. D. Afonso, o filho segundo de D. Luis, é que merece ser posto em foco, porque principalmente dos últimos anos da sua vida pouco ou nada sabe o grande público.

Foi D. Afonso Henriques infante de Portugal e, como tal, a vida decorreu-lhe serena, repartida entre os ócios alegres das suas cavalariças e as aventuras duma mocidade de esturdião, um pouco boémia, menos abundante de dinheiro. O infante era pouco inteligente, mais ingénio que bom. A cultura era nula, que os filhos segundos das casas reais não necessitam de saber mais que ler, escrever e contar... mal. Mas tinha saúde e bom estomago, com accentuado gosto pelos bolinhos de bacalhau e a galinha corada, tudo bem condimentado, muito à portugueza. Tinha uma força física notável, muito acima da normal.

O inato desenvolvimento muscular era, aliás, herança dos seus maiores, que os Braganças assim foram quasi todos. A tradição conservou, mesmo, a memoria das «performances» do Rei D. Pedro II, dotado de força muscular estupenda, tão poderosa que o Rei não desdenhava lutar a braço com um urso sempre que, por ventura, o apanhava a geito na serra de Sintra, a quando das caçadas. Hoje já não há ursos em Portugal. Mas havia-os com abundancia, há alguns séculos atrás, habitando a cadeia de montes que vem descendo desde a Serra da Estrela até ás areias do mar. E havia também muito lobo, muito javali e veado, constituindo a caça grossa mais apreciada pelos fidalgos, caçadores de tempos idos. Não cremos que o infante D. Afonso fosse capaz de lutar a braço com um urso, mesmo porque algum espirito possuia e o espirito é, por via de regra, pouco compatível com o musculo. E para demonstrar que D. Afonso não era isento de espirito, basta recordar que, certa vez, annunciando-lhe um creado a visita dum bispo, o infante retorquiria logo:

— «Este, agora, é o da sela...»

E que, momentos antes, tivera de receber o bispo de Damão!...

## ENCONTRO DO PRINCEPE COM A «MULHER FATAL»...

O príncipe abandonou Portugal antes mesmo de disparado o último tiro da revolução de 1910. Era pobre. Ficou pobre. Quando embarcou, disse, mostrando uma nota de exílio ao reis. — «E' tudo quanto leva para o exílio um príncipe portuguez...»

Vagabundeou um pouco pela Europa, frequentou a sociedade «interlopes» dos homens e das mulheres que se divertem nos centros cosmopolitas. Por certo que os parentes ricos lhe não fallaram com os meios materiais com que foi sustentado, melhor ou pior, a principisca dignidade. Mas quis a sua sorte, boa ou má, que viesse a topar com uma americana,

que passava a beleza semi-extinta por Nice e Monte Carlo. Essa americana era já duas vezes divorciada e uma vez viuva. Chamava-se Nevada. O seu último marido fora Filipe van Valkenberg, advogado celebre em Nova York. Entre D. Afonso e Nevada foram-se cimentando relações de intimidade, talvez porque uma e outro eram como que naufragos da vida, que mutuamente procuraram apoio, consolações, meiguice. Nevada dizia-se rica. En-



A Duquesa do Porto

tretanto, Stringher, director do Banco de Italia, interrogado um dia sobre o «quantum» de fortuna da americana, foi dizendo:

— «Ela diz que possui algumas centenas de

(Conclui na pag. 15)



O Infante D. Afonso

## Os horrores da cadeia de Serpa

(Continuação da pag. 10)

verdugo, a tróce de dinheiro. E' horrível a longa série de sevícias de ordem moral e física praticadas para com êste desgraçado.

A miséria de tal modo invadiu êste homem, filho de uma família com dinheiro, que sua mulher e filhos são obrigados a viver na mesma dependência da cadeia.

E' assim que se dá a scena horrível do espancamento de um homem que vê a sua filha desonestada e depois, em consequência disso, morta. Vinte e dois meses depois dêste martírio, o barreto conseguiu vê-se livre do seu verdugo. Mas para onde conseguiu a família e o caequismo local enviá-lo? Para o Manicó Miguel Bombará?

A sua mulher, alma de mártir, figura de tragédia antiga, endureceu o rosto à força de tanto chorar, de tanto pedir em vão. E' quasi impossível ouvi-la dez minutos seguidos. Safoca. A justiça nada pode contra a muralha de inrêsses, de intrigas tecidas pela família e pelos grandes caçiques da terra.

E' tal a impressão de dor dêste incrível drama, e o modo como êle vitimou estas duas pobres criaturas, que era o povo da terra quem lhes enviava socorros, até há pouco tempo.

Dura isto assim há quatro anos. Quatro anos, pedindo em vão, clamando justiça, mostrando cartas de recomendação de grandes nomes nas altas esferas sociais, e nada se consegue.

E o desgraçado, a braços com a mais horrível miséria, deita os pulmões, aos poucos, pela bôca, fóra, e sua mulher vá mirrando, gastando-se em passadas inúteis, em braços inúteis, sem já ter lágrimas para aliviar o seu sofrimento com a divina consolação do choro.

EDUARDO FRIAS

## COISAS QUE TODOS DEVEM SABER:

**A CASA QUINTÃO vende os afamados Tapetes de Beiriz, faianças artísticas e mobiliário género antigo**

Rua Ivens, 30 a 34 — Telef. 2 6064

## QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no

*Gama*

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## T. S. F.... X

(Continuação da pag. 4)

Recusou-os. Aproveitando uma abertura em que S. o deixou só, correu à agência dos vapores a marcar um lugar para o Rio de Janeiro e a telegrafar à noiva. Poucas palavras: «Parto para casar contigo. Chego no dia tal a bordo do «Z...» Ama-o teu E...» Mas S. gratificava a agência do hotel e não a mãe. Compreendeu que estava derrotado e tomou silenciosamente o «Sud».

Só uma coisa lamentamos: a principal condição exigida pela futura esposa de E. A. é de que êle abandone o teatro. Cumprirá?

## O CASO A. & S. E UM DRAMA DO PASSADO, EM QUE ENTROU B. B.

O «radio» mais sensacional da semana, referente a teatro, é sem dúvida a dissolução da firma amorosa E. A. & S. Ld.<sup>as</sup>. Não lhe faltou imprevisto, nem movimento, nem ar folhetinesco... A imprensa diária, com os lábios secos por um longo Sabará de notícias emocionantes, sorveu-a a grandes tragos. Contou tudo: os incidentes do Rio de Janeiro, a vida de Margarida Max, noiva de E. A., a entrevista de Paris, as peripécias a bordo, etc... Faltou evocar o passado...—que o passado também conta nestes assuntos.

Recordam-se? Foi há uma boa dúzia de anos —no Eden Surgira então uma francesa azougada, a pesar-de não ser mui jovem, *bataclafica*, de olhos negros e sublinhados por uma maquilagem berrante, filha da amante de um empresário português, e que qui a tentar o Brasil, começar por Portugal... Era a B. B. Em Paris não fulturara nunca; em Lisboa foi «estrêla», reformando a técnica das revistas, incendiando corações, na plateia e nos bastidores, criando fados que ficaram populares, fazendo época, em suma. No E. Teatro, onde trabalhou, a sua primeira paixão foi X. F. Mas ela, francesa, parisiense, habituada a costumes bem diversos, podia lá suportar os hábitos rissos do nosso lar, mesmo quando... artificialmente constituído! Apagando-se em plena lua de mel, aquêles amores, foram afixar escritos nos olhos luminosos de B. B. Um outro colega andava neurasteniado por ela, e era precisamente E. A. Mas desta vez, não B. B. Anos de *trêdad* e sujeitou-se, e resignou-se, e estava disposta a sacrificar a sua altivez de mulher civilizada à ternura um pouco despotica do homem português que amava. Quanto tempo durou esta aventura? Não sei. O que sei, sim, é que apareceu S.; começaram os boatos. B. B. começou a desconfiar, as acenas de uma sucessão-se houve fugas, entrevistas, um célebre rapto, e... o que S. sofreu agora, sofreu a outra, a B. B., há anos, por ela...

A vida é assim... Ah! mulheres! Não há como verem a ameaça do presente...—que elas dizem desprezar —para que pensem no futuro, esquecendo sempre o passado...

## ERRARE HUMANUM EST...

Mas se errou ao escrever remedeia tudo, usando

**SMART**

À venda — nas boas papelerias

## Um negociante do oportunismo

(Continuação da pag. 5)

reiro de Bastos rejubilou com o facto magiçando logo na ideia de se eximir ao respectivo pagamento, locupletando-se com a referida quantia, que, de facto, não lhe pertence. Para o eleito *associou-se* com um empregado comercial do Porto, de nome Francisco, e de moral igualmente duvidosa, sacrificando-lhe uma filha menor, Maria Joana, com a qual o Francisco deve casar.

Desta maneira simples passamos os haveres do Tenreiro de Bastos para a posse directa do genro, o tal Francisco, que assim ficará sendo o legítimo proprietário, embora hipotético, da fortuna daquêle. Ora convem frizar que êsses haveres estavam até agora em poder do filho de Tenreiro, que caucionava a conta do pai, e que por êste lhe foram transferidos, há tempos, com o intuito de se furtao ao pagamento aos crédores duma sociedade a que pertencia e que faliu.

Bem entendido que o único sacrificio nesta alcavala pertence, apenas, à pobre Maria Joana, que é forçada a ligar-se, contra vontade, com um individuo por quem só sente acentuada repulsa.

E ponto final no repugnante assunto. O Banco do Minho, por intermédio dos seus crédores, que proceda como enten der...

ESTRANGEIRO

## A invasão negra na Europa

(Continuação da pag. 7)

futuro mais ou menos próximo a representação da raça negra, como povo livre, embora espalhado por todo o globo, na Sociedade das Nações. Em vários países preparam-se congressos, conferências de negros que vão encetar e resolver problemas da sua raça. Em Lisboa terá lugar a reunião magna de negros delegados de todos os aglomerados de pretos existentes por esse mundo. A raça desprezada, reabilitando-se pela intelligência, e criando em seu favor uma corrente de sympathia irresistível, prepara-se para dar mais um grande passo no caminho longo das suas reivindicações, que a longo tempo terá lugar o que lhe está reservado junto dos outros povos e raças livres.

Tudo parece obedecer a um novo impulso, a um novo plano inteligentemente elaborado. Estará James Wilson ou Marcus Garvey novamente na Europa? Tornará esse negro misterioso, que atravessa continentes como uma sombra impalpavel, a fazer prodigios com a sua acção de apóstolo?

Não sei. Set apenas que, há dias, o correio me trouxe, escrito em inglês, êste cartão que passo a traduzir:

«James Wilson, de passagem por Portugal, a caminho da Alemanha, encontrou Maria Domingues, irmão de raça que conheceu há anos, e cuja amizade criada num momento já-mais se apagará da sua memória».

MARIO DOMINGUES

# D. Afonso de Bragança

(Continuação da pag. 13)

milhares de dollars. Ponham em vez de dollars líras, dividam por dez, extraíam a verdadeira fortuna de Nevada, pouco mais ou menos.

Por fim, trataram casamento e anunciaram o noivado. D. Afonso fizera-se acompanhar para o exílio por um fiel criado, improvisado em «chouffeur», chamado Luis Fernandes, por alcinha «O Ponta da Unha». Era analfabeto, mas dedicado ao Infante. Desagradava-lhe o casamento. E, um dia, atreveu-se a fazer-lhe advertências:

—«Olhe que Vossa Alteza, se casa com a americana, *enrasca-se!*»

Coitado do «Ponta da Unha!» A frase saiu-lhe assim, mais cheirando a *garage* que a Corte. Mas vinha do coração, o que muito a santificava. O infante não gostou e, pela primeira vez, quase se zangou com o criado, de quem, afinal, era amicusísimo. Depois da morte do seu príncipe, o «Ponta da Unha» ficou servindo no Instituto Português de Santo Antonio em Roma, onde ainda se conserva, curindo saudades do antigo patrão, chorando quando fala dele.

Nevada e o príncipe pensaram em casar-se em Roma, no consulado português. Era, então, consul o Sr. Fonseca Araujo, funcionário escrupuloso. Nevada não tinha os seus papéis em ordem. O consul recusou-se, com esse pretexto, a realizar o enlace, se bem que há quem diga que o motivo verdadeiro, embora occulto, foram secretares tendências monarchistas do funcionário da Republica...

Nevada conseguiu aporcar D. Afonso e lá casaram em Madrid, com dispensa de muitas formalidades legais. Entretanto, certo é que casaram. E não tiveram apenas a sanção inepta da Republica Portuguesa, que julgou útil fechar os olhos a nulidades legais de várias ordens e praticar irregularidades tão flagrantes como se fossem crimes... Os noivos, após o enlace civil foram repeti-*tu* numa igreja medievalista, dislate máximo, que só por si atesta o estado de demência do desgraçado príncipe portugueses!

FREI GERUNDIO, *historista*

P. S. — Não faltou quem suspeitasse acerca da verdadeira causa da morte de D. Afonso. Esse pormenor, porém, tem de ficar fóra do reportagem, embora não seja destituído de interesse. Que o adivinhe o leitor, se é que sabe dos recursos naturais de que dispõe uma Messalina, quando se apodera do organismo de um homem já semi-extinto pela libertagem e lhe cultiva o pósto de derrancado do deboche sorvedor e exaustivo.

F. G., h.

# Pó da História

(Continuação da pag. 12)

quetes. Dos porões subiram os projecteis, que os grumetes guardavam para os passarem, no momento decisivo, aos artilheiros. Dispôs-se a polvorosa como conzinha. Prevendo a abordagem os marujos puseram à cinta as machadinhas, os picques e os chuços.

Cobriu-se a nave de pano, que o vento fresco enfunou. O navio meteu a prôa em direcção ao inimigo. Reconheceram-se, com efeito, que a nau «Belem», ronçeira no andar, e as fragatas «Princesa do Brasil» e «Pilar», diligenciavam alcançar a nau fugitiva, que se mantinha, todavia, fóra do flanco do tiro. Cortou-lhe a retirada a «Santo Antonio». E o combate travou-se com fúria.

— Marinheiros! — grita, pelo porta-voz, o coronel Mac-Donnell — eis o inimigo! Vamos a ele e viva Portugal!

À marinhagem correspondeu, com vibração, à aclamação:

— Viva Portugal! Viva o nosso comandante! Morra o castelhano!

Mac-Donnell, satisfeito, sorriu. E quando viu que o castelhano estava ao alcance da artilheria da «Santo Antonio» ordenou:

— Artilheiros! fogo vivo por bandas!

A nau estremecia-lida com o fogo que enviava ao inimigo, uma vez por estibordo, outra vez por bombordo. Já sofrera algumas avarias, que o fogo do inimigo também a não poupava. À verga de gata, a guante de prôa, os braços de traquete e as velas de estai estavam cortadas! A «Santo Antonio» largou a cavadeira e o cutelo de velacho e foi conservando o fogo vivo. Mas o inimigo não se rendia. A «Frances», porém, conseguiu aproximar-se e foi mordendo a nau castelhana com os cachorros de prôa. Uma bala avaria o leme do navio inimigo, que passou a navegar à matroca. Recebeu, por fim, uma banda em cheio, que lhe varreu o convez e fez ruir o mastro grande, que cahiu a coberta com o cordame e o pano desfeitos. O castelhano desanimou. A bandeira leonina foi arriada. O inimigo rendia-se. O combate durara hora e meia.

\*\*\*

Foi importante a presa. O navio castelhano era a nau de linha «Santo Agostinho», novo, de primeira viagem, muito bem construído e forte. Comandava-o o coronel de mar D. José Fechin, que ficou prisioneiro com 800 homens. A artilheria constava de 74 peças, excelentes. O restante armamento e os apetrechos constituíam, também, apreciável valor.

O coronel Mac-Donnell resolveu, após o combate, regressar à Guanabara, que o seu navio sofrera bastante e os prisioneiros eram um terço da força máxima do seu comando. Concertraram-se como pôde ser as avarias nas duas naus, que os outros navios nada sofreram. E a meio do dia seguinte, a esquadra entrou no porto do Rio de Janeiro, embandeirada em arco. Logo a notícia da vitória se espalhou pela cidade. A praia encheu-se de povo. E durante todo o dia reinou júbilo e os montes repetiram de fraga em fraga sempre o mesmo grito, o mesmo grito sempre:

— Viva Portugal!...

ADRIANO DE VASCONCELOS

REPORTER X  
ENCONTRA-SE À VENDA EM TÓDOS OS PRINCIPAIS QUIOSQUES E TABACARIAS

# O anel de Dom Sebastião

AS JOIAS modernas poderão ser muito bonitas, de scintilações fulgurantes, de materiais preciosos de alto valor, mas não possuem uma coisa que das antigas emana: o espirito. Sim, leitor, as joias antigas, essas maravilhas de arte que tu contemplas extasiado nas vitrines dos raros joalheiros que as negociam, possuem um fluído subtil, penetrante, como o amor, como o ódio, que se instalam na nossa alma e no-la vencem.

Ainda há bem poucos dias tivemos esse de experimentar essa sensação estranha, essa sedução inexplicavel ante algumas das mais belas joias antigas que contemplámos no estabelecimento dos grandes joalheiros Barreto & Gonçalves, Ltd., na Rua Eugenio dos Santos, 17.

A *patine* delicada das pratas velhas, de uma tão grande distincção, a macieza avulvedada e quente das pérolas verdadeiras, as scintilações lacrimantes dos rubis, dos topazios e outras pedrarias raras, exerceram sobre nós uma sedução extraordinária. Uma delas, um anel lindissimo, velho, de uma cinzeladura delicada, fixou-se na nossa retina e arranjou lugar à parte na nossa mente. Saímos do estabelecimento perturbados, impacientes, pensando nela. A quem pertence aquêle anel velhissimo e encantador que nos mostraram há pouco? — preguntámos.

Pensando no anel, na sua proveniência, mal chegámos à redacção telefonámos para a firma Barreto & Gonçalves, Ltd. — A quem pertence aquêle anel velhissimo e encantador que nos mostraram há pouco? — preguntámos. Amavelmente, com uma naturalidade que contrastava com o formalavel interesse da noticia, responderam-nos:

— A El-Rei D. Sebastião!

Pousámos o auscultador e ficámos durante largos momentos meditando no destino aventureiro daquela joia. Ah! se as velhas joias falassem!

## A CÊRA

### DR. LUSTOSA

que cura a dor de dentes em 5 minutos

foi finalmente posta à venda

— em todas as farmacias —

Preço — Tubo \$ 500

DEPOSITÁRIO GERAL  
Rua S. Nicolau, 25 — Telef. 23989  
SECCÃO DENTARIA  
Polycario

Dão-se referencias neste jornal

# CHYPROL

Desaparecimento completo da caspa  
Garante-se a sua eficácia

## FARMACIA MORÃO

234 — Rua Augusta — 236

O maior sucesso literário de 1931

# Novela Policial

LEITURA EMOCIONANTE !

ASSUNTOS PALPITANTES !

DIRECTOR :

**REINALDO FERREIRA**

(REPORTER X)

---

Quinta-feira, 19 de Março

**NOVELA POLICIAL**

N.º 8

**O crime do "Sud-Express"**

Original inédito do REPORTER X

---

## A NOVELA POLICIAL

16 páginas — Uma novela policial completa,  
original, inédita — Capa a cores

**Preço: UM ESCUDO**

Dirijam já os seus pedidos de revenda e assinaturas para a Administração do «REPORTER X» e da «NOVELA POLICIAL».

TELEFONE || ROSSIO, 3, 3.º || Endereço  
2-5442 || LISBOA || Telegráfico  
REPORTERX